

NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção provisória:
R. Francisco Ságras, 63—GUIMARÃES

DIRECTOR E EDITOR,
Antonino Dias de Castro

Administração, Comp. e Impressão
Rua Monsenhor — 515 E

DUAS PALAVRAS

Na bandeira que este jornal desfralda hoje perante o público vimaranense, ler-se-ha apenas esta legenda:

«Por Guimarães
e para Guimarães!»

De facto, o «Notícias de Guimarães» vem a ribalta apenas com o intuito de servir os legítimos interesses comuns da nossa cidade e concelho, respeitando a opinião política, as creanças e os direitos de cada um, mas pondo sempre acima de tudo e de todos aquilo que muito especialmente respeite e interesse a colectividade, certo como está que todas as cidades modernas que vivem só por um forte e organizado espírito colectivo, tendente à realização fraterna de um programa progressivo, podem e têm razão, hoje em dia, de existir e de serem respeitadas.

Assim o «Notícias de Guimarães» exulta todos os vimaranenses a que, por amor da terra, formem uma pensada e organizada força pública, onde cada um enfileire no lugar que legitimamente lhe pertence como elemento moral, mental, económico e, quando menos, disciplinado, de modo que possamos sentir um dia que, em proveito da terra gloriosa em que nascemos, existe uma força organizada, à qual será legítimo chamar o movimento, a acção e o efeito profícuo de um grande programa baírrista.

Certos de que a empresa é difícil e os lucros irremediavelmente negativos, o «Notícias de Guimarães» quer, contudo, prestar o seu concurso ao movimento de renovação e progresso que nesta cidade agita as gerações mais novas, sob as quais, aliás, mantém uma profunda e justificada esperança.

E' pequeno este nosso artigo de apresentação, mas grande a nossa vontade de trabalhar em prol do desenvolvimento e dos interesses de Guimarães.

A nossa bandeira será a bandeira que junto a esta coluna publicamos; o nosso programa será o programa que fica traçado nas linhas acima.

Quem conhecer a nossa sinceridade e a nossa vontade de trabalhar em benefício da terra que nos serviu de berço, não precisará de mais nada para ajuizar da honestidade da obra que hoje iniciamos.

Para realizar essa obra não duvidaremos pedir o auxílio dos vimaranenses de boa vontade, nem esqueceremos a divisa:

POR GUIMARÃES!
PARA GUIMARÃES!

A Redacção.

Bandeira da Cidade



Uma porção de tecido sumptuário talhado em forma retangular, pendente sobre uma haste e, no cimo, uma lança—eis a bandeira.

Traduz na sua cor, no seu escudo, ou simplesmente na sua legenda, um idealismo heróico, uma fé inexpugnável—uma Causa.

Porisso mesmo é que uma bandeira, quer seja pendão augusto de uma Pátria a exaltar, quer seja flâmula aurifulgente de um Credo a defender, é sempre bela, amada e respeitada—por aquêles que a erguem como lábaro ou a adotam como insignia.

Na história dramática e social da bandeira-símbolo, há páginas sublimes de heroísmo, de abnegação, de ternura, de sacrifício.

Pela sua defesa e pelo seu triunfo, muitos se tem deixado morrer, amparando-a contra o coração, amortalhando-se nas suas dobras.

A bandeira porém do Município, embora acompanhando desde a sua origem a já longa e movimentada história da mais veneranda autarquia do governo popular, nem por isso deixa de ser um estandarte de batalhas pacíficas.

Bem explicada, a bandeira do Município encarna em si um alto sentido de liberdade política.

Melhor compreendida, a bandeira do Município é o *substractum* fiel deste pensamento:

O primeiro vínculo de amor à nossa Pátria, desperta no amor que volamos à nossa Terra.

* * *

A bandeira do concelho é de um metro quadrado, quarteado de branco e verde, com cordões e borlas de prata e verde. Ao centro o braço municipal, cercado por uma fita branca, tendo em letras pretas êstes dizeres: «Cidade de Guimarães». Haste e lança de ouro.

* * *

Seja a bandeira da cidade de Guimarães o troféu do jornal que surge. Se é mister fazer cá dentro uma política, façamo-la às claras, sob a divisa:

—Pela nossa terra! Pela nossa gente!

A bandeira da cidade Guimarães só não cobrirá aquêles que, sen-

BOAS-VINDAS

Os meus poucos anos de idade e a modéstia que deve ter toda a pessoa que, como eu, começa a trilhar o caminho das letras, tem feito com que os meus pobres escritos não passem da roda estreita das pessoas mais íntimas e sigam depois o caminho da gaveta misteriosa onde costumam guardar as pequeninas coisas que encerram grandes recordações...

Qual é a mulher que não possui uma gaveta misteriosa onde guarda as cartas que lhe falam de amor e que mais a impressionam, as flores mirradinhas e desbotadas que alguém lhe ofereceu depois de as ter beijado, as pequeninas prendas de valor insignificante que fazem o encanto dum alma feminina!

Os homens—nós bem o sabemos!—davam, às vezes, verdadeiras fortunas para poderem devassar o mistério dessas gavetas íntimas que guardam pedaços da nossa alma, pedaços do nosso coração e, como a minha, pedaços do nosso pensamento...

Pedem-me, insistentemente, para eu romper o círculo estreito das pessoas amigas que costumam ler as humildes produções da minha pena e levar até ao novo jornal alguns dos meus escritos, começando, dessa forma, a tornar conhecida a minha *personalidade*, como dizem as pessoas que me incitam...

Cá me encontro, pois, a satisfazer esse desejo, não para tornar conhecida a minha *personalidade*, pois quero esconder-me atrás dum recatado pseudónimo, mas para fazer a vontade a todos aquêles que me estimam e levar ao «Notícias de Guimarães» a certeza de que muito me alegria a sua publicação. Creio que outrotanto deve acontecer a todas as mulheres que tem vinte e poucos anos e uma alma ardente e verdadeiramente feminina, como é a minha.

Vou abrir a gaveta misteriosa aonde tenho escondido os meus escritos, para, em numeros sucessivos, os publicar neste jornal.

Por hoje apenas escrevo estas linhas, a taxa de *introito*, finalizando por dar ao «Notícias de Guimarães» as boas vindas.

Maria de Guimarães

do filhos da terra ou nela vivendo, nenhum esforço pela causa pública municipal dispendem, indiferentes ao progresso e ao futuro da nossa tão gloriosa pátria natal.

A bandeira da cidade de Guimarães deve ser o lábaro do novo jornal.

Nessa confiança aqui lhe trago o meu tributo de solidariedade, de simpatia, de leal camaradagem.

A. L. de Carvalho

Sem monóculo...

IMPrensa LOCAL

Eu creio que uma das condições mais indispensáveis para o constante progresso duma terra é uma boa Imprensa. Julgo mesmo poder afirmar que sem ela, o progresso dessa terra paralisará por completo ou será tão lento e hesitante que de todo desacompanhará a evolução dos tempos. Assim nos está acontecendo precisamente a nós. Não tenhamos dúvida: desde que Guimarães se não manifeste por meio duma imprensa inteligente e digna, inteiramente desafectada de quaisquer sectarismos políticos, ou mexeriqueiros de soalheiro ordinário; uma imprensa que corte a direita, com honestidade e brilho, apontando os erros e louvando as virtudes, enaltecendo as boas acções e pugando pelo desenvolvimento local; uma imprensa que seja o baluarte de todos os bons princípios e das mais belas iniciativas, educando e orientando o público nas questões que mais directamente o interessam; desde que esta imprensa não exista—se-tá-se ameaçado da mais funesta decadência.

De nos importa a nós que A ou B possuam um bom palacete, e um belo automovel, se a maioria sofre no maior desconforto, lutando pelo pão-nosso de cada dia, no meio da fria indiferença e gélido egoísmo dos outros?! Isto nem é civilizado, nem humano. Um povo que vive assim à mercê duma vida perfeitamente automática, sem que haja alguém que defenda o seu bem-estar e as suas mais urgentes necessidades, é um povo ou de analfabetos ou de escravizados. Guimarães, por ser uma cidade essencialmente fabril e industrial, está sob a tutela, por vezes bem pezada, dos grandes financeiros, daqueles que demasiadamente presando os seus interesses, se esquecem de que se fallasse, dum instante para o outro, o braço trabalhador, deixavam de ser subitamente o que são. Se cada homem vale pelo seu esforço próprio, é justo que se lhe retribua uma parcela de benefícios correspondente.

Desde há muitos anos—e é bem fácil averiguá-lo!—que a nossa terra não era tão pobre de imprensa periódica como na hora que passa. Guimarães conta actualmente apenas com um pequeno jornal bi-semanal, único órgão das aspirações duma cidade que deseja progredir e desenvolver-se, dentro da medida das suas possibilidades municipais, tendo unicamente a estimulá-la as suas honrosas tradições, a sua história e o seu passado. Seria uma vergonha para a geração que passa abandoná-la a um ostracismo retrógrado, não fazendo algum sacrificio, se tanto fôr preciso, em prol dos seus melhoramentos, e tantos são aqueles de que ela carece! Ora se eles se não fazem com palavras, são, no entanto, elas que os vão incitar, produzindo uma opinião pública favorável ou desfavorável, até que se harmonisem os espíritos e se obtenha o que se deseja. Mas se todos se calarem, se ninguém emitir o seu parecer sobre este ou aquele empreendimento, claro está que tudo cai numa modorrice confrangedora. E' por isso que a boa imprensa se torna indispensável, estabelecendo correntes de ideias e promovendo o progresso geral.

Nunca me aborreceu, antes me inflama de ardor patriótico, defensor dos interesses da nossa terra, embora antecipadamente, por experiência, saiba que raras vezes é bem aceite uma opinião elevada e imparcial. Mas quando se trata da nossa terra não deve haver compadrios, nem estorvos no caminho do bem comum. Creio que se todos assim pensassem e agissemos, não teríamos que lastimar

IMPERDOÁVEL

Queixam-se, com muita razão, os moradores do largo da Oliveira, por motivo da creançada de certa vizinhança abandonar ali, em plena rua e sem a menor cerimónia, as suas *superfluidades digestivas*, sem que haja um só zelador municipal que aplique a respectiva multa aos pais dos inconscientes transgressores do código de posturas, resultando de tal desmazelo comentários nada lisonjeiros e que não nos honram como povo civilizado.

Chamamos para o imperdoável abuso a atenção dos senhores zeladores, a quem está confiada a missão de vigiar pela limpeza da cidade.

Urge, pois, que todos cumpram o seu dever e que não nos obri-guem de novo a tais reclamações.

Ninguém tem o direito de fazer nitreira ou abrir as *valvulas* na via pública.

E' verdadeiramente repugnante! Gente imunda e sem a menor noção de civismo, não pode nem deve viver em terras civilizadas, procura as cangostas ou fixa residência nos montes distantes e maninhos.

Para vômitos já são de mais os bueiros cidadãos!...

Aqui fica a reclamação, que— diga se de passagem—não devia ser precisa para quem tem obrigação de saber de cor e salteado o código de posturas e no fim do mês assina a folha de vencimento.

Desculpem a rude franquesa, mas esta é que é a verdade. E esta verdade é daquelas que não podem nem devem ocultar-se, não só para o bom nome da nossa terra como para bem da saúde pública.

Se não podem ou se não sabem reprimir que a garotada escreva e pinte obscenidades e garatujas nas portas e nas paredes, que nos livrem, ao menos, de malinas e de andarmos constantemente a pisar caca por todos os lados e por todas as esquinas, obrigando-nos a chegar a casa mal cheirosos e com solas de meio palmo.

Caticha, senhores zeladores!

Pela Penha!

Merecem elogio as obras que se tem feito na formosa estância da Penha, hoje uma das mais visitadas do nosso país.

No templo que ali anda em construção, já se vê o artístico e admirável altar que pertenceu à extinta igreja de Santa Clara e que um grupo de vimaranenses, entre elles o sr. Jerónimo de Almeida, conseguiu que não fôsse para fóra de barreiras...

A esses bons conterrâneos fica Guimarães devendo um alto favor que já mais poderá esquecer.

Se não fôsem eles, a referida obra de talha, que é uma maravilha, teria tido destino bem diferente ou teria passado à sociedade do Olho vê & Mão apanha!

E e: a uma vez um altar!

Era para nunca mais!

Também ia na grande...

tantos erros, dalguns dos quais já não conseguimos libertarnos.

Avante, pois, pela nossa amada terra, não sejamos de orações tão pequeninos que só pusemos na nossa casa, sem pensar também um pouco no resto, para não imitarmos as formigas a enceleirar as suas tocas. Há tanto que fazer para dignificar a nossa cidade! Há tanto que lutar para colocá-la ao lado das suas irmãs através do paiz, que certamente já lhe levaram a dianteira, como Viana do Castelo, Santarem, Vizeu, Leiria, etc! Há tanto que velar pelos seus monumentos, como ainda outros se não levantaram mais dentro de seu ambito, muito embora haja quem tente derrubá-los, barbaramente!

JERÓNIMO D'ALMEIDA.

Monumentos e Obras d'Arte

O Castelo de Guimarães

Depois de uma longa campanha em prol da restauração deste venerando monumento, que é, pode dizer-se, a primeira página artística da História de Portugal, vai enfim surgir o dia em que o Castelo de Guimarães nos reabilitará da vergonha dum esquecimento que durava há muitos séculos.

E' ponto a ponto que a restauração do Castelo de Guimarães nunca se teria não estivessem no Ministério do Comércio, o sr. Dr. João Antunes Guimarães; na Câmara Municipal, o sr. Dr. João Rocha dos Santos; e na direcção dos Monumentos Nacionais do Norte, o sr. Baltazar de Castro. A estes três bons portugueses, que chamaram a si a longa e difficil empresa do restauro, no meio do maior entusiasmo, vamos ter a honra de consagrar mais esta página de Guimarães moderna em serviço da Arte e da Cultura Portuguesa.

Como dissemos, a campanha em serviço da restauração do Castelo vinha de longe. Já em 1923 o sr. Dr. Alfredo Magalhães a impulsionava, afirmando ser o restauro desse Monumento «uma das maiores obrigações Nacionais». Também o illustre engenheiro e escritor senhor Eleutério Moreira de Afonseca, várias vezes escreveu e propagandeou que era preciso valer ao Castelo de Guimarães. Marques Abreu, que na sua admirável publicação, a *Ilustração Moderna*, teve sempre a porta aberta para os monumentos e obras d'arte de Guimarães, várias vezes ali trabalhou em prol da boa doutrina de que o nosso Castelo exigia da nação inteira um esforço e um sacrificio, de modo a ser salvo da vergonha de se desmorerar. Por nosso lado, e embora com modestos recursos, temos igualmente lançado os nossos gravetos a essa fogueira patriótica, não só por o encanto do monumento em si, mas também pelo que elle representa de legítimo orgulho para a terra em que nascemos.

E a campanha dava o seu resultado em seis de dezembro último, com os factos que em seguida vamos narrar.

Nessa tarde do domingo juntaram-se no Castelo de Guimarães as seguintes pessoas: Ministro do Comércio, Presidente da Comissão administrativa da Câmara Municipal, Director dos monumentos nacionais do norte, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, João Rodrigues Loureiro, Francisco Ribeiro Martins da Costa, (Aldão), Afonso Costa Guimarães e o signatário destas linhas.

Feita uma visita ao Monumento, durante ella o illustre arquiteto sr. Baltazar de Castro descreveu com o saber técnico que todos nós lhe reconhecemos as grandes qualidades do Castelo e as obras que em sua douta opinião o mesmo exigia. Teem um superior interesse as observações de sr. Baltazar de Castro em face de qualquer obra d'arte de carácter Monumental, pois que, dando-nos claramente a noção animada do seu talento e dos seus fundos conhecimentos na matéria, manifestam igualmente o seu extraordinário carinho pelas obras que melhor representam o passado da nossa raça e a glória da nossa Pátria. Feito o exame, discutiram os illustres Ministros do Comércio e Presidente da Câmara de Guimarães o problema do restauro sob o ponto de vista material. Em ambos, e com uma superioridade de espirito que impressionava, o mesmo entusiasmo em tomar aos hombros a difficil tarefa. Ao regressarmos nesse dia de tarde ao centro de Guimarães, já sobre a cidade, querida tombavam as sombras da noite, mas no nosso coração, sob o doce império d'uma grande esperança, dir-

se-ia que raiava a luz d'uma linda alvorada, projectada sobre o monumento venerando e o grande amor que lhe dedicamos.

Nunca mais o assunto do Castelo deixou de ser do superior interesse do illustre Presidente da nossa Câmara Municipal, a ponto de na primeira sessão que se seguiu à visita de 6 de dezembro ter elle proposto que a Câmara concedesse as futuras e próximas obras do restauro do Castelo de Guimarães o subsídio de 10.000\$00, sob a condição de o Estado tomar a si a continuação, sem intermitências, do restauro total do monumento.

E' um acto, este, que nobilita o Município e escreve uma boa página na história de Guimarães.

Por fim, Baltazar de Castro noticia-nos que as obras aludidas se iniciarão ainda dentro do mez corrente.

Nada temos nem desejamos ter com os serviços artisticos relativos à restauração do Castelo de Guimarães. Fôram já excessivo encargo para nós aqueles a que nos dedicamos durante quatro anos a dentro dos claustros da extinta Colegiada de Guimarães. E porque é assim resta-nos pedir aqui ao illustre Director dos monumentos Nacionais do norte que entregue, para beneficio e prestigio do Castelo de Guimarães, a direcção das obras do seu restauro a um profissional da Arqueologia, com cultura mental e artística superiormente comprovadas, que não a qualquer amador sem um livro na instante e sem um diploma d'uma corporação científica do género. E não é preciso sair fóra de Guimarães para encontrar o homem fortemente apetrechado que substitua, na sua ausência, o illustre director dos Monumentos Nacionais do Norte. Não. Está aí o Capitão sr. Mário Cardoso, sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses e um dos maiores valores mentais desta cidade, da geração de Sarmiento e Alberto Sampaio para cá, a quem naturalmente está indicada a entrega do prestantíssimo e melindroso serviço que representa o restauro do nosso magnífico Castelo.

Oxalá que todas as esperanças que hoje pomos na restauração completa do maior dos monumentos militares e históricos de Portugal sejam ainda cumpridas em dias da nossa vida, como o nosso coração nos pede e o exige o bom nome de Guimarães.

ALFREDO GUIMARÃES

Porque seria?

Qual seria o motivo que obrigou o apreciado correspondente d'aqui para o nosso respeitável colega «O Comércio do Porto», a fazer silencio a propósito da campanha que com tanto brilho iniciou contra as nossas casas de espectáculo?

Desânimo, ou convencer-se-ia, finalmente, de que não vale a pena gastar cera com ruins defuntos?

Se assim é, tem as razões de razão, como carraças de razão, sem igualmente o nosso presado conterrâneo sr. João Teixeira de Aguiar, a cujo gesto Guimarães não quiz corresponder.

E' sempre assim, infelizmente! Quando aparece alguém a trabalhar pela nossa terra, surgem logo os Sábios da Grécia a dar leis, a emitir opinião, e lá se vai tudo quanto Marta fiou!

Tudo por água abaixo!

E é por estas e por outras assim, que Guimarães, a respeito a progresso, está sempre no mesmo estado... comatoso!...

Desventurada terra...

Assinar o

«Noticias de Guimarães»

é um dever dos vimaranenses

Pôsto Agrário

em Guimarães

Mais uma vez, foram reorganizados os serviços do Ministério da Agricultura.

O decreto n.º 20.526, é um diploma extenso, com 156 artigos, em que se pretende arrumar e metodizar os multiplos serviços desse organismo.

Falta-nos competência para entrarmos em franca apreciação de um trabalho de tanta magnitude e ainda porque a sua promulgação veio levantar celeuma nas classes interessadas, a que nos queremos conservar estranhos, por bem compreensíveis melindres para com as nobilissimas classes: agrónomos e veterinários.

E' possível, que tão importante e extenso diploma tenha deficiências, mas a transformação das Missões Agrícolas em Postos Agrários, é uma visão clara da lúcida inteligência de Sua Ex.ª o Ministro da Agricultura, na maneira de actuar no progresso agrícola do País.

Procura-se, como processo de propaganda o exemplo, posto em prática por esses estabelecimentos.

E', sem dúvida, este o melhor processo senão o único de êxito averiguado, como instrumento de ensino para as pessoas que geralmente exploram a terra e nomeadamente no Minho, onde ainda estão arreigados a práticas agrícolas antigas e erróneas, que a tradição dos seus antepassados lhes legou.

Todos aqueles que não aprenderem, pelo exemplo, vendo e observando directamente os resultados obtidos pelo emprego dos modernos processos de cultura, nos campos de demonstração desses estabelecimentos de fomento e propaganda agrícola, são os que não querem aprender, mas para esses não ha legislação possível.

A parte applicavel a esta região do citado decreto, art.º 69, que transforma a Missão Agrícola de Guimarães em Posto Agrário, é uma medida que ha muito se impunha e que merece a estima e a gratidão da mais numerosa classe e de todos aqueles que por qualquer laço, estão ligados á exploração da terra.

E' certo, que o primeiro e grande passo está dado, mas não basta que o illustre reformador da agricultura oficial, praticando um acto de justiça a esta região, criasse no «Diário do Governo» o Posto Agrário de Guimarães.

Para que elle se effective, para que seja uma realidade, indispensável se torna que todas as forças de área de influencia desse estabelecimento a instalar, se congreguem num esforço comum, para que elle seja mais alguma coisa de que uma disposição exarada no «Diário de Governo.»

A instalação do Posto Agrário, organismo que muito deve vir influir no progresso da agricultura regional, é assunto da maior importância a que não podemos ficar indiferentes e o mesmo deve succeder a todos os agricultores da região, na defesa legitima dos seus próprios interesses.

Acabamos de ter conhecimento que a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, deliberou em sessão de 19 do corrente, manifestar a Sua Ex.ª o Ministro da Agricultura o desejo de ver effectuar-se com a possível urgência, a instalação do Posto Agrário de Guimarães e contribuir para essa instalação.

E' uma iniciativa digna de todo o louvor e patentes e são critério do vereador que a propôs.

Também já é do nosso conhecimento, que essa iniciativa será recomendada ás instancias superiores pelos agricultores associados:

Sindicato Agrícola de Guimarães, Sindicato de Viticultores de Guimarães, Associação dos Lavra-

R I D E N D O . . .

Caro leitor, meu animo jovial
Exulta de alegria e de civismo,
Pois vai ter Guimarães mais um jornal,
Austero defensor do seu bairrismo.

Eis porque surge o contumaz Cassandro,
Cujo amor pelo burgo é já bem velho,
Resolvendo meter, de vez em quando,
Nas lides do jornal, o seu bedelho.

Aqueles que de tudo dizem mal
E fazem desta terra soalheiro,
Terão que procurar outro ideal,
Com medo de apanhar c'o marmeiro. . .

Não praticar a vil politicalha
Será nossa intenção; nosso processo;
Aquele de quem luta e só trabalha
Na verdadeira senda do progresso.

E assim, leitor amigo, procurando
Os teus momentos d'ócio divertir,
Eu lembro-te que a pena de Cassandro
Castiga duramente, embora a rir. . .

CASSANDRO.

de Julieta, mas os seus olhos tão
belos e expressivos fitaram-se nos
dêle, com uma firmeza que imedi-
atamente lhe fez compreender
que não seria obedecido.

Poiando os olhos no livro, a
brincar com a lapiseira. Alvaro to-
mou um ar de indulgência volun-
tária e generosa, deixando cair
estas palavras: Por esta vez pode
deixar-se ficar. . .

E a lição continuou como nos
outros dias.

Passaram anos. Alvaro Garcia
tendo voltado duma missão de es-
tudo no estrangeiro poucos dias
antes, encontrava-se com alguns
amigos numa pastelaria, à hora
elegante do chá, quando a entrada
duma formosa rapariga, luxuosa-
mente vestida, fez parar as con-
versas, e um momento suspendeu
no ar as chavenas que se levavam
aos lábios.

Também êle a fixou atento e
maravilhado; decerto, era esta a
mulher mais interessante que vira
dêsde o seu regresso a Lisboa.
Trazia os cílios alongados com
rimel, os olhos admiravelmente
pintados. A boca sensual, entre-
aberta, como uma flor de romã, de-
ixava ver seus magníficos dentes de
carnívoro. Diu-se-ia uma duquesa
de Espanha, como a nossa imagi-
nação as fantasia. A mulher cuja
chegada tamanha sensação fizera,
veio sentar-se na mesa visinha
àquela onde Alvaro conversava
com os amigos e baixando-lhe timi-
damente a cabeça, com o sorriso
vago e preverso, e o olhar infantil,
quasi ingénuo, da pequenita que
seis anos antes, ao entrar para a
Escola, se fizera notar dos profes-
sores, murmurou humilde, candi-
damente: Boa tarde, senhor pro-
fessor.

Será possível?!

Corre por aí de boca em boca
que aquele misero pardieiro que
ali se vê à entrada da Avenida,
que liga o famoso Largo do Tou-
ral em a canhadíssima estação do
Caminho de ferro, vai brevemente
ser demolido afim de dar lugar à
construção dum prédio decente e
digno duma terra civilizada.

Será possível?!

Oh céus! . . .

Oh sinos da Basilica, repicai
festivamente a solenizar tão alme-
jado acontecimento.

Até que enfim Guimarães vai
ficar liberta duma possilga que en-
vergonharia até a mal cheirosa
cangesta do Picoto.

Até que enfim Guimarães vai
possuir um prédio asseado na mais
movimentada das suas avenidas!

Sufragando

Os empregados da casa Alberto
Pimenta Machado mandam cele-
brar, na próxima sexta-feira, ás
8,30 horas, na Igreja de Nossa Se-
nhora da Oliveira, uma missa su-
fragando a alma do seu saudoso
colega, o nosso chorado amigo An-
tónio Augusto Leite de Freitas, e
em comemoração do 30.º dia do
seu falecimento.

—O corpo activo dos Bombe-
iros Voluntários de Guimarães, as-
sistiu ontem no templo de S. Da-
maso a uma missa mandada cele-
brar em comemoração do anivers-
ário do falecimento do seu com-
mandante, o saudoso vimaranense
António Augusto da Silva Caldas.

Cap. Duarte Fraga

Esteve muito animado o primo-
roso jantar, oferecido, no Hotel da
Penha, ao sr. capitão Duarte Fra-
ga, sendo trocados muitos brindes.
Assistiram os seguintes con-
vivas:

Dr. Eduardo Almeida, Dr. Dav-
id Oliveira, Dr. Guilhermino Ro-
drigues, José de Pina, Simão da
Costa Guimarães, José Jacinto, Co-
ronel Alcino Machado, A. L. de
Carvalho, Dr. Adelino Jorge, Dr.
José de Oliveira Bastos, Dr. João
de Oliveira Bastos, Dr. Mario
Dias de Castro, Dr. José Pinto Ro-
drigues, Dr. Raul Costa, Dr. Joa-
quim Barros, Dr. João Faria Mar-
tins, Dr. Francisco Pinto Rodri-
gues, Augusto Pinto Lisboa, Luiz
Candido Lopes, José Jacinto Ju-
nior, António José Ferreira, Alber-
to Pimenta Machado, Alfredo Fel-
ix, Alberto Gomes Alves, Fran-
cisco Ribeiro de Castro, Manuel
José de Carvalho, José de Olivei-
ra, João Pinto de Figueiredo, Te-
nente Benjamim de Vasconcelos,
Americo Alves Ferreira, João Dias
de Castro, João de Deus Pereira,
Antonino Dias de Castro, João Men-
des Fernandes, António José Pe-
reira Rodrigues, Domingos Alves
Machado, António Faria Martins,
Joaquim Leite Monteiro, Francisco
Fraga, João Teixeira de Aguiar,
Manuel Moreira, Antonio Lima,
Ernesto Barbosa de Oliveira, Ar-
lindo do Souto, Anibal Dias Pe-
reira, Armando Andrade, Simão
Eduardo Alves Neves, Eduardo
Virgem dos Santos, Amaro Mar-
ques da Silva Campos, Capitão
Henriques de Faria, Eduardo Le-
mos Mota, Domingos Mendes
Fernandes, José Faria Martins,
Luiz Filipe G. Coelho, Dr. Fernan-
do Silva, Heitor Campos, Tenen-
te Albano Cruz, Domingos Ribe-
iro, etc., etc.

Relatório da Sociedade P.º Gaspar Roriz

MOVIMENTO FAMILIAR:

Acompanhado de sua Ex.^{ma} fam-
ília, partiu para o Porto, onde
fixou residência, o respeitável vi-
maranense sr. António Leite de
Castro.

—Esteve em Lisboa, a tratar
de assuntos que se prendem com
o turismo da Penha, o sr. Dr. Jo-
sé Francisco dos Santos.

—Acompanhado de sua esposa,
regressou a Braga o nosso presado
conterráneo, sr. Dr. Luís Ribeiro
Martins da Costa.

Regressaram a Lisboa os snrs:
Sebastião Teixeira de Carvalho,
Capitão-Tenente António Garcia
de Sousa Ventura e Dr. Armando
Teixeira de Faria.

—Regressou, também, ao Porto,
o sr. Luís Gonzaga Pereira.

—Partiu para a Póvoa de La-
nhoso, com sua família, o sr. Dr.
Alvaro de Magalhães.

Enfermos

Está gravemente enfermo o in-
dustrial sr. Raúl Rocha.

—Tem passado bastante enco-
modada a estimada professora de
ensino primário, sr.^a D. Estefânia
Maria Antunes.

—Igualmente se encontra bastan-
te encomodada a sr.^a D. Noé-
mia Caldas.

—Está bastante doente o esti-
mado negociante sr. António de
Araújo Salgado.

—Tem estado bastante enfermo
o sr. Abílio Fernandes Guimarães.

**Uma obra
de Misericórdia**

Seria para louvar que a sachola
e a vassoura se manifestassem um
poucozinho mais no Cemitério
d'Atouguia e que os senhores em-
pregados, ali em serviço, repreen-
dessem aquelas creaturas que, sem
o menor respeito por aquêle
recinto sagrado, vão para lá rir e
chalacear.

Oh! cumulo da estupidez e da
crassa ignorância!

Todos nós lá temos entes que-
ridos e fodôs nós temos obrigação
de fazer entrar na ordem aquêles
para quem a dor e a piedade são
sentimentos inúteis e desconhecidos.

Um cemitério, lugar de prantos
e de saudades, não pode nem de-
ve ser confundido com qualquer
arraial onde certa mocidade, de-
pois de avinhada, costuma dar ex-
pansão ás suas alegrias e aos seus
grosseiros e irrequietos estouvamen-
tos.

Mas os ignorantes e os malucos
tambem se ensinam.

E' mesmo uma obra de carida-
de ensiná-los e castigá-los.

Que a Ex.^{ma} Câmara se digne
exercer esta obra de caridade sem
a menor contemplação.

Pedido de casamento

Para o sr. Dr. João António
Soares, empregado superior da
Alfândega do Porto, foi há dias
pedida em casamento, pelo sr.
Dr. Alberto Ribeiro de Faria, a
sr.^a D. Maria José de Abreu Ri-
beiro Vilas, gentil filha do sr.
Coronel Gaspar do Couto Ribeiro
Vilas.

Reuniões familiares

Estiveram muito animadas e
concorridas as reuniões familiares
realizadas na Associação Comer-
cial e na Associação dos Em-
pregados do Comércio.

Dançou-se animadamente até ás
6 horas da manhã do dia 1 de Ja-
neiro.

Infelizmente continua bastante
doente o nosso presado conterrá-
neo Rev.^º Gaspar Roriz.

Fazemos os mais ardentes vo-
tos pelas melhoras de tão presti-
moso conterráneo.

Perguntas inocentes

Quando aparecerá uma alma
caridosa que se lembre de fazer
retirar do Jardim Público aquêle
calhau de granito que ali se vê
sob a copada palmeira?

Estará, por acaso, ali afim de
servir de mesa para uma arrojada
ou para jogar a bica lambida?

Se assim é, devemos confessar
que o lugar é impróprio.

Espectáculos

Agradaram muito e tiveram
grande concorrência, os espectá-
culos realizados nesta cidade por
Richardi «O Rei da Magia», cujos
trabalhos foram apreciados e aplau-
didos.

No cinema «Gil Vicente» es-
treia-se hoje o grupo scénico da
Associação de Socorros Mutuos
Artística Vimaranense, com um
programa variado.

Projecta-se para breve um atra-
ente espectáculo cujo produto se
destina à Assistência aos Tuber-
culosos.

Um pedido

Era para agradecer que a digna
drecção da companhia dos Cami-
nhos de Ferro do Norte de Portu-
gal fizesse instalar um telefone na
estação de Guimarães, o que tui-
to beneficiaria o serviço de passa-
geiros.

Aqui fica a lembrança ou melhor
dizendo; aqui fica o pedido aos
ilustres directores da mencionada
Companhia.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço fi-
ca-nos de fora grande quantidade
de original, o mesmo acontecendo
a vários annuncios.

Que os nossos presados colabo-
radores e annunciautes nos descul-
pem esta falta involuntária—que
procuraremos remediar na próxima
semana.

Feiras e Romarias

No próximo dia 15, tem lugar a
feira de gado bovino, denominada
de Santo Amaro, na freguesia de
S. Vicente de Mascoteiros, deste
concelho. E' nela que costuma re-
gular-se o preço do mesmo gado,
durante o ano.

—No dia 17, realisa-se a festi-
vidade, em louvor do mesmo San-
to, constando de missa solemne,
sermão e procissão.

De tarde, há o costumado arraial
em que se iniciam os divertimen-
tos carnavalescos.

Nos referidos dias, estabelecer-
se-hão carreiras de *caminhetas*,
entre esta cidade e o local da ro-
maria.

Vandalismo

A Comissão Administrativa da
Câmara, em sua sessão do dia 2
do corrente, deliberou comunicar
ao sr. administrador do concelho
que alguns vândalos, da freguesia
de Infias, dêste concelho, na noi-
te de 24 de Dezembro, derruba-
ram nove peões, desde a estrada
de Atim até á Igreja de Infias, pa-
ra se proceder criminalmente.

Para vândalos de tal quilate, é
necessario um severo castigo.

Vida católica

**9 VII Cen' ário da morte
de Santo António**

Rarrissimas vezes se aprecia
uma solemnidade religiosa tão im-
ponente, e tão extraordinariamen-
te concorrida de fieis, como a que
se celebrou ontem, no templo de
S. Francisco, em comemoração do
VII centenario da morte de Santo
António.

Aos actos religiosos, presidiu o
rev.^{mo} sr. Conego Alberto da Sil-
va de Vasconcelos.

O sr. Dr. Leonardo de Castro
mais uma vez confirmou os
seus reconhecidos créditos de eru-
dito e eloquente orador que é,
nêsse formosissimo panejrico do
grande taumaturgo português, ten-
do passagens de muito mercimen-
to ao enaltecer as virtudes do
grande Santo. O auditorio, selecto
e numerosissimo, escutava-o com
a máxima religiosidade, retirando
do templo magnificamente impres-
sionado.

A parte musical, confiada aos
internados da Oficina de S. José,
houve-se primorosamente.

O templo ostentava uma decora-
ção em que se destacava o bom go-
sto e arte, o que muito honra o ó-
vel e hábil armador sr. João de
Sousa Passos.

O altar do Santo estava linda-
mente adornado e com profusão
de luzes.

Na capela-mor, além da Mesa
da V. O. T. de S. Francisco, dis-
tintamente presidida pelo impor-
tante industrial vimaranense, sr.
João Pereira Mendes, viam-se as
autoridades eclesiásticas, civis e
militares, imprensa e altas perso-
nalidades vimaranenses.

O templo regorgitava de fieis.
Foi importante a conferência
feita, no sábado, aos irmãos ter-
ceiros franciscanos, pelo referido
e ilustre orador.

Viação acidentada

Pelas 15 1/2 horas do dia 3 do
corrente, no lugar de Carrazêdas
—estrada de Guimarães-Braga—
deu-se um violento embate, entre
automovel N 9476—marca «Hud-
son Essex», pertencente ao sr.
Henrique de Castro Neves Perei-
ra Leite, da freguesia de S. Paio
de Casaes, concelho de Louzada,
e o ciclista António de Assunção
Pina, funileiro, de 19 anos, mora-
dor na Rua da Liberdade, desta
cidade, resultando ficar êste bastan-
te molesto, motivo pelo qual
deu entrada do Hospital da Mi-
sericórdia.

Averiguado o acidente pela G.
N. R. soube-se que a culpa dima-
nou do Pina, que não só vinha com
excesso de velocidade, como tam-
bem fora da sua mão. A lamen-
tável occorrença foi participada ao
Tribunal.

Necrologia

No seu Solar das Curujeiras,
na freguesia de Vila Nova das In-
fantas, arrabalde desta cidade,
faleceu no sábado a Sr.^a D. Ma-
ria Cristina de Noronha e Mene-
zes da Mesquita e Melo Portugal
Freire de Andrade, senhora da
nossa velha estirpe, descendente
dos Marques de Vila Real.

Era mãe dos Snrs. Tenente
Coronel Tristão Augusto, Tenente
Coronel D. Caetano Eduardo, Dr.
D. Filipe Augusto, Dr. D. Vicen-
te Eduardo, Padre Dr. Augusto
Eduardo e D. João Cardoso de
Noronha e Menezes F. d'Andrade.
O funeral realisa-se hoje na igreja
de Infantas. Pésames à família.

* * *
Com 91 anos de idade, faleceu
no sábado a sr. D. Maria Teresa
de Souza Roriz, mãe do nosso res-
peitavel conterráneo sr. P.º Gas-
par Roriz e da sr. D. Maria de
Oliveira Roriz.

Sentimos profundamente a dor
que neste momento fere o coração
dos filhos da bondosa senhora.

Na Citânia de Briteiros

CAMPÓNIO GENEROSO

«O médico e escritor francês Felix Regnault conta numa revista de medicina parisiense o seguinte episódio muito lisonjeiro para a nossa gente do campo:

«No ano passado, por esta época (refere-se a Setembro), estava em Portugal, onde assistia a um congresso internacional de antropologia. Fomos visitar a Citânia de Briteiros; o ar escaldava e estava toda poeirenta a estrada que conduz à colina onde se elevam as ruínas duma cidade neolítica. Iamos acompanhados duma grande multidão de povo, que acudira para admirar os sábios estrangeiros. Alguns indígenas vendiam aos sequiosos talhadas de melancia.

Peguei numa que me oferecia um português de traço humilde e esfarrapado. E, como lhe perguntasse quanto devia, recusou energeticamente a minha moeda, que-rendo assim presentear-me.

Quanta nobreza nesta alma do povo.

Desejava prestar homenagem à ciência, cujas descobertas libertam cada vez mais o homem das misérias da vida e o tornam cada vez mais consciente dos seus altos destinos. E aquele homem do povo, ignorante, analfabeto, sentia obscuramente essa evolução para um ideal melhor do que o presente e queria testemunhar-me a sua gratidão.»

Compare-se este procedimento do rustico briteirense com o daqueles «figurões» que, não havendo sido convidados para tomar parte no repasto oferecido aos congressistas da «Casa da Ponte», pela Sociedade M. Sarmiento, nele se alambasaram, com prejuizo de muitos illustres congressistas que se retiraram por servir, mercê do abuso desses «figurões» engravatados...

Bispo de Angra

Recolheu de novo ao hospital de Santa Maria, do Porto, S. Ex.ª Rev.ª o Sur. D. Guilherme da Cunha Guimarães, venerando Bispo de Angra do Heroísmo, afim de continuar o tratamento da sua saúde profundamente abalada.

Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

dores do Concelho de Guimarães e outras agremiações como a Sociedade de Defeza e Propaganda de Guimarães, que já por tantos outros títulos é credora do nosso reconhecimento.

Mas há mais. Temos bem fundadas esperanças que todas as agremiações da área de influência do referido Posto Agrário, que estão ligadas à exploração da terra, darão a sua adesão ao justo desejo da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Guimarães.

Presentemente, secretariam o Sr. Ministro da Agricultura, duas pessoas que estreitos laços de amizade unem a Guimarães; e se alguma coisa nos é licito esperar da sua influência e actividade, dentro dos princípios de justiça, por isso que não é preciso apelar para o bairrismo de quem quer que seja, é que a instalação do Porto Agrário de Guimarães, se torne um facto, em breve, assim o reclama as necessidades desta região.

Guimarães, 20—12 1932.

E. S.

Os «Santos Reis»

Profagendo Guimarães

Como o tempo que decorre não permite folias, «Os Reis» passaram sem o brilho dos outros anos.

Ainda assim, conseguimos ouvir, sob os Arcos da Oliveira, um grupo vindo dos lados do Pevidem, cujos cantares, embora traduzindo gemebundas lamentações, eram entoados no conhecido e popular estribilho das *Três Rosinhas*.

Depois do *viva, viva por muitos anos*, começou assim a voz de falsete:

Atendei os nossos rógos,
Nossos prantos, nossos ais,
Convertendo em terra linda
O Burgo de Guimarães.

Dai-lhe novas avenidas
E o mais que vós possaes:
Têm caruncho *Rua de Gatos*
E a *Travessa dos Binóculos*.

Libertai o do *Terreiro*,
Ao nascente do Jardim,
Onde cantam franganitos
E reverdeja o capim!...

Dá-lhe também um teatro,
Distinta Idealidade,
Evitando assim, senhores,
Horrorosa mortandade...

O côro com acompanhamento de castanholas e ferrinhos:

Protegei a nossa terra,
Onde já nem brilha a lua,
Se vai *tambem* a camisa,
Arma em Eva e fica nua!...

A multidão entusiasmada e por entre os mais vibrantes aplausos:

Muito bem! Muito bem! Viva a rapaziada do Pevidem qu'ê por nós!

Tiple e cânticas, num gesto comovido e agradecido:

Muito obrigados, senhores!...
Muito obrigados!

—Bis!... bis!... bis!... Outra vez, se faz favor!...

A tiple, algo cançada e toda tremeliques:

Perdoae-me, meus senhores,
Mas não posso cantar mais;
Tenho saudades do 20
E dos dois anos liceaes...

Vozes: Bravo! Bravo! Muito bem, linda cachopa!

O côro, em voz grossa, muito senhor do seu papel, batendo com o pé no chão a marcar o compasso e com os olhos fixos na batuta do sr. Coelho Lima:

Cantemos a nossa terra,
De nobreza e tradição,
Se lhe levam as cereoilas,
Ficará a Pai Adão!

Nesta altura as janelas abrem-se de par em par, deixando, assim, ouvir uma voz altiva... vibrante... cristalina e igualmente no mesmo alapasão ou seja no mesmo lamiré das «Três Rosinhas»:

Agradeço as boas-festas,
Da gente do Pevidem,
Mas ireis p'ra casa a seco,
No cofre não há vintem!...

A estatua de Guimarães, no alto do Palácio Municipal, dolorosamente e com música do «Rei Danado»:

Ai de mim! Ai de mim!
.....
Se tenho de viver
Eternamente assim!!!

JOSÉ DE GONDAR.

Arquivo M. de Guimarães

Foi nomeado seu Director : o nosso confrterraneo : Sr. Dr. Alfredo Pimenta

Criado o Arquivo Municipal por Decreto de 27 de Junho do ano pretérito, ficou o mesmo dependente da jurisdição do Director da Biblioteca e Arquivo Distrital de Braga. Pelo diploma agora publicado no «Diário do Governo» de 28 de Dezembro, é o nosso Arquivo Municipal entregue à directoria do conservador da Torre do Tombo, o dedicado e muito illustre filho desta terra sr. Dr. Alfredo Pimenta.

Desnecessário será dizer que esta nomeação vem dar uma maior liberdade de acção e, por isso mesmo, uma mais proveitosa decisão aos trabalhos de organização e recolha das series bibliográficas que constituem o plano do Arquivo Municipal.

Cumpra dizer que o sr. Dr. Alfredo Pimenta não recolhe honorários d'este seu novo encargo. Se aceitou esta directoria, foi tão sómente para servir melhor a sua e nossa terra, com um departamento de serviços para que tem especial competência, acrescida com a vantagem de ser funcionário superior na Torre do Tombo, para onde foram carreados, há muitos anos, valiosos materiais que interessam ao nosso «Vimaranis Monumenta Histórica».

Para ilucidação do público, transcrevemos para aqui os termos do Decreto n.º 19.952 que criou o

Arquivo Municipal de Guimarães

«E' criado, sem encargo algum para o Estado, o Arquivo Municipal de Guimarães, que será instalado em dependências da Sociedade Martins Sarmiento, confiado à guarda e direcção da referida Sociedade, e que se destina a reunir, conservar, catalogar e facultar, oportunamente, à leitura e consulta públicas os documentos que fizerem parte do seu recheio.

No Arquivo Municipal de Guimarães serão encorporados:

- 1.º—O arquivo da extinta Colegiada de Guimarães;
- 2.º—Os documentos do antigo recolhimento do Anjo e quaisquer outros já actualmente confiados à guarda da Sociedade Martins Sarmiento;
- 3.º—Processos crimes, civis e orfanológicos, dados por findos há mais de 50 anos;
- 4.º—Livros dos cartórios e tabeliães extintos, de há mais de 50 anos;
- 5.º—Livros paroquiais do concelho, que não utilizam ao governo e administração das paróquias, como sejam:
 - a) livros de usos e costumes; livros de registo de testamentos; livros de visitas; livros de subsídios;
- 6.º—Todos os documentos, livros, processos e estatutos provenientes de irmandades, corporações e repartições extintas.»

A aluna n.º 6

Por Américo Durão

Dêsde o primeiro dia da sua entrada para a Escola que os treze anos de Julieta se tinham feito notar dos professores...

Não era que fôsse duma beleza ou duma intelligência superior à das outras raparigas; algumas seriam talvez mais bonitas, outras mais inteligentes. Mas nos seus olhos negros e rasgados havia uma expressão de frescura e de malícia que a tornavam singular. Dir-se-ia que a sua alma precoce andava nêles debruçada.

A própria D. Genoveva, a severa professora de matemática, em geral insensível à graça em flor das crianças, s: deixara conquistar. E' que nenhuma respirava aquela expontânea alegria de viver, de nenhum riso se evolava o perfume do seu riso primaveril.

Os vestidinhos claros e simples, a cabeleira encaracolada emoldurando-lhe o róstosito adorável, caíam com uma naturalidade tão rara nas crianças portuguesas, que não era possível vê-la sem lhe sentir a graça.

Até ao fim do ano nenhum facto ocorreu que lhe permitisse destacar-se das companheiras. Era uma aluna como as outras, nem melhor nem pior.

* * *

Terminada a faina escolar, tratou-se de organizar uma festa para a qual cada um devia contribuir dentro das possibilidades que Deus lhe dera. Haveria uma exposição por onde se pudesse apreciar o aproveitamento dos alunos. O grande interesse desta exposição residia nos trabalhos manuais, principalmente num soberbo tapete que as alunas terminavam, sob a direcção da professora de bordados, e devia ser oferecido ao director.

Julieta, porém, nunca manifestara entusiasmo por essa obra, que era o grande orgulho da escola. A sua pouca assiduidade já mesmo lhe tinha valido censuras, que ela recebera de olhos baixos, mas não sem que um imperceptível sorriso que desejava ser de contrição lhe pusesse na boca bem recortada um relâmpago de ironia e de quasi desdem pela tão elogiada habilidade das colegas.

Esse sorriso, porém, se alguém o viu, duvidou dos seus olhos, atribuindo-o a um equívoco, e de certo nem se atreveu a falar d'ele.

Julieta contava tirar uma desforra. A professora de música estava ensaiando alguns números de dança, entre os quais havia um para duas raparigas.

Ela fôra uma das escolhidas para esse número sensacional.

No dia da festa, a que assistia o Presidente da República, dançou com tanta graça e leveza, que o próprio Presidente sorriu e bateu palmas.

De todos os cantos da sala, e até da gente que se aglomerava à entrada, no corredor, vinham pedidos de bis.

Se a mínima timidez, a garôta repetiu o bailado, e, contente, excitada pelos aplausos, parecia ainda mais esbelta, mais alada que da primeira vez.

A festa acabou. Seguiram-se as férias. Alunos e professores deixaram de se ver durante alguns meses, para novamente em Outubro voltarem aos trabalhos escolares.

Uma dúzia de semanas é suficiente para que o aspecto duma rapariga na adolescência se modifique duma maneira espantosa; e não houve quem se não surpreendesse com a mudança que em tão curto período se operara em Julieta. Agora já não era uma criança. Parecia ter mais de quinze anos e havia nos seus gestos, na sua voz, uma precocidade desconcertante.

Um dos professores, Alvaro Garcia, alto, atraente, menos de trinta anos, vestindo com uma elegância discreta, ao entrar na aula certa manhã, leu no quadro negro em grandes letras:

O Senhor Doutor Alvaro Garcia é o mais simpático de todos os senhores professores.

Julieta conservava ainda na mão o giz com que acabara de escrever.

Todos os alunos disfarçavam o riso. Mas o mestre, com a serenidade habitual, chamou um dos rapazes à lição, mandando limpar o quadro, como se nada tivesse visto.

Dois dias mais tarde, ao chegar à aula, achou sobre a secretária um ramo ingénuo de rosas. Quis saber, que faziam ali aquelas flores, sem que ninguém soubesse responder-lhe, quando, ao cruzar os olhos casualmente com os de Julieta, estes lhe disseram que tinha sido ela. Naquêie olhar tão rápido houvera entre os dois um dialogo secreto. Sentindo que a eloquência dos seus olhos fôra compreendida pelo professor, Julieta ficou radiante de alegria.

Alvaro por sua vez, franziu as sobrancelhas e ordenou ao continuo que levasse as flores para a aula de botânica, onde poderiam ser úteis, conservando-se sério e severo até anunciarem a hora da saída. Intimamente, porém, achava-lhe graça. Lisonjeava-o a homenagem daquêie incenso, queimado em sua honra pelas mãos airozas duma adolescência fragrante. Contra sua vontade, o seu olhar, a sua própria voz mudavam de expressão, ao dirigir-se à aluna número 6.

Julieta era demasiado nervosa e sensível para que o não compreendesse...

Contudo, esse ano passou, como passara o outro, sem que entre professor e aluna coisa alguma viesse alterar a attitude que os deveres do primeiro exigiam e este a si próprio se impusera.

No terceiro e último ano do curso, a audácia da rapariga que, não sendo propriamente bonita, dia a dia se tornava mais perturbadora, deixava-o por vezes vagamente embaraçado. Só difficilmente conseguia resistir-lhe. A fôrça de fazer o cego e o surdo, em certas horas chegava a achar-se ridículo e a sentir-se ligeiramente vexado em frente da adolescente admirável, que se não cansava de o incensar com o gesto airoso de quem cobre de flores o chão do seu jardim, para que o amor entre e se demore um instante.

No fim de contas nem sequer tinha a consciência do dever cumprido, porque entre os dois se estabelecera uma espécie de cumplicidade que nem por ser silenciosa e secreta deixava de existir.

Um dia, por qualquer motivo que não quiz averiguar—Alvaro pensava justamente que no interesse da disciplina coavam, às vezes, não investigar a causa da agitação dos alunos—a classe mostrava-se indocil às suas observações, rindo e conversando em surdina. Entre o rumor confuso, o riso e a voz de Julieta destacavam-se agora nitidamente.

Querendo mostrar que nas suas aulas não havia favoritismos, Alvaro disse grave, mas serenamente:—A menina Julieta vai fazer-me o favor de sair!

Como por encanto, o riso cessou e o silêncio foi absoluto. Só Julieta, imóvel, continuava a sorrir.

Então Alvaro, insistiu, com menos energia:—Número 6, faça favor de sair!

O sorriso apagou-se nos lábios

Assina o «Noticias de Guimarães»

Este número foi disado pela Comissão de Censura

Mascotinha Americana

Carreiras diárias entre Guimarães e Pôrto, com passagem nas Taipas, Riba d'Ave, Famação, etc., em luxuosas camionetes, a preços módicos.

Serviço de recovagem e aluguer de camionete para excursões.

Proprietário, JOÃO FERREIRA DAS NEVES

Escritório em Guimarães:

Estabelecimento de CAMILO LARANJEIRA DOS REIS

Praça D. Afonso Henriques

A o P ú b l i c o

Armando da Silva, com sapataria na Rua 31 de Janeiro (junto ao edificio do correio), participa aos seus clientes e ao público em geral que acaba de receber um grande sortido de calçado para Senhora, Homem e Criança, e recomenda a todos, no seu próprio interesse, uma visita ao seu estabelecimento, onde consultarão os preços e terão ocasião de vêr o artigo.

Rua 31 de Janeiro

(Junto ao Edifício do Correio)

Casa das Novidades

R. DA REPÚBLICA



GUIMARÃES

Depositária no Norte das Canetas de Tinta Permanente "Conklin" e "Endura" a prestações, junto e a retalho

LOTARIA:

A casa que no Norte mais prémios tem dado

Grande sortido de artigos de escritório

Quereis ser felizes?
Habilitai-vos,
comprando lotaria nesta casa

FABRICA DE PENTES DO RIBEIRINHO

Fornecedora dos principais armazens exportadores.

Fabríco de pentes de chifre e galalith, e travessas para o cabelo.

Guimarães

Telefone, 128

ALFAITARIA

Ribeiro, Filho

Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudos, etc.

9, Largo Franco Castelo Branco, 10

Telefone, 177

Guimarães

CASA PIMENTA

33, Rua 31 de Janeiro, 37

Telefone, 180

Alberto Pimenta Machado

**As mais recentes novidades em lanifícios nacionais e estrangeiros.
Colossal sortido em casemiras de Coimbra.
Por motivo de balanço grandes abatimentos durante este mês.
Liquidam-se retalhos de casemiras a preços baratos.**

Querem economisar dinheiro?

Consultem os preços desta Casa!

PELO CONCELHO

Para a frente!

FESTAS GUALTERIANAS DE 1931

Vizela, 7

Os jornalistas, são, como toda agente sabe bisbilhoteiros e quasi sempre inconvenientes segundo a «dou'a» opinião pública.

Além disso, os jornalistas, teem sempre obrigação de saber, por mais dificuldades que se lhes achessem no caminho, todas as novidades, todos os escândalos, todas as misérias, que por aí estadeiam.

Numa dessas digressões que a profissão nos impõe, andamos há dias percorrendo várias ruas da vila e verificámos, não sem um certo amargor, que sim... que Vizela, é muito linda, muito interessante, muito poética e... Por exemplo: a rua Dr. Abílio Torres, a rua Latino Coelho, o Largo da Lameira, acompanhado de muitos e variados etc... são autênticos montes de lixo, onde a mão do varredor nunca pôs o pé.

E se nós procedessemos ao necessário saneamento, começando por lavar as ruas, divorciando-as de toda a porcaria, e acabassemos por arranjá-las de tal forma que não fizessem a nossa vergonha e não nos metesse nójo andar por elas?

E se nós fizessemos de Vizela, aque'a linda vila que muita gente adora... porque a não conhece?

E se nós fizessemos de Vizela, a primeira, como é do País, logar a que ela tem jus?

Não seria interessante?

C.

Talpas, 1

«Noticias de Guimarães»

Ao iniciar as minhas correspondências desta formosa Estância Termal para o «Noticias de Guimarães», saúdo em primeiro lugar o seu ilustre Director e colaboradores, com votos ardentes de que o novo jornal vimaranense consiga realizar o seu grandioso programa: noticioso, regionalista e defensor dos interesses do concelho de Guimarães.

Festividade ao Menino Deus

Realizou-se no passado dia 25—dia de Natal—a festividade religiosa em honra do Menino Deus. Como nos anos anteriores, foi promovida por uma comissão de rapazes solteiros.

Nevo pároco de Prazins

Tomou posse no domingo de pároco de Santo Tirso de Prazins e anexa de Corvite, o reverendo Guilherme Quintino de Sousa Veloso, natural de Verim, Póvoa de Lanhoso.

O novo pároco foi durante algum tempo coadjutor do digníssimo Arcipreste, Monsenhor João Ribeiro, tendo conquistado grandes simpatias nessa cidade.

Sociedade

Partiu para Vila Caiz, Livração, o rev. P.^a Silva Gonçalves, antigo senador católico e ilustre jornalista.

—A passar as festas do Natal esteve nesta povoação o sr. José Pinto Fernandes, capitalista do Porto.

Falecimento

Faleceu em S. Martinho de Sande a sr.^a D. Brizida Maria da Silva, extremosa esposa do estimado proprietário sr. Custódio Gonçalves da Cunha.

C.

* * *

S. Torcato, 4

Ao valoroso e novo semanário «Noticias de Guimarães», cuja falta de há muito se fazia notar, apresentamos as nossas saudações muito sinceras com os melhores votos de longa vida e muitas felicidades.

Pela muita consideração pessoal que temos pelo seu inteligente, zeloso e activo director, sr. Antonino Dias Pinto de Castro, aceitamos o convite de correspondente nesta povoação, pedindo licença para lhes dizer que a escolha foi desaceretada por quanto não possuímos as necessárias aptidões para desempenhar com vantagem aquela missão. Todavia, com os poucos recursos literários que temos, vamos procurar ser agradáveis não só aos numerosos leitores como á própria pessoa que nos convidou.

C.

* * *

Lordelo, 5

Louvamos, sinceramente, a justíssima campanha que a imprensa está fazendo contra o estado vergonhoso e de véras intransitável do caminho público que, partindo do lugar de Atainde, vai ligar com a estrada de S. Miguel das Aves.

De esperar é que a Comissão Administrativa da Câmara de Guimarães, atenda, sem perda de tempo, as ben cabidas reclamações da imprensa, no tocante á reparação do referido caminho público, que tem comunicação com os importantes centros fabrís de Delães, Famalicão, etc...

C.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal projecta o prolongamento da Rua Gil Vicente até ao logar denominado dos Pombais.

Se assim é, como realmente se afirma, só teremos que nos felicitar, pois aquêlê melhoramento, que de há muito se impõe por tudo e por tudo, impedirá consecutivos desastres na quasi intransitável Rua D. João I e concorrerá para o alargamento e aformoseamento da nossa desventurada terra, onde o progresso parece jamais querer entrar.

Fazemos, pois, os mais entusiásticos e ardentes votos para que tal empreendimento vá por deante e que não seja mais um projecto, como tantos outros, a mergulhar em mal-cheirosas águas de bacalhau.

E' preciso que Guimarães caminhe e enfileire ao lado de outras terras, algumas muito nossas vizinhas, que nos últimos tempos tanto e tanto têm progredido.

Impõe-se que Guimarães deixe um dia de ser caranguejo!...

Já é demais tanto indiferentismo e tanto atraso! ou não será?

Sim, não será tempo e bem tempo de terminarem os comentários das pessoas que no: visitam que não deixem de dizer—com que magua escrevemos isto!—que Guimarães nunca passa da cêpa-torta, apesar de ser uma terra onde não falta gente de requintado gosto artistico e aonde uma boa parte dos seus filhos tem tido a sorte de vender... *al cortado*?!...

Repetimos: fazemos os mais vibrantes votos para que o projecto do prolongamento da Rua de Gil Vicente seja uma realidade dentro em breve e não fique no tinteiro ou no ventruado cesto dos papéis inuteis, como, infelizmente, tantos têm ficado.

Guimarães tem de caminhar!

Guimarães, que não se esquivava a pagar á boca do cofre as contribuições que lhe indicam, tem direia que a compensem com melhoramentos de vulto e não a que a contentem só com tombas e remendos...

Não é demais que, de cem em cem anos, tenha pelo menos um *vestido novo* e um par de *botinas* sem serem cambadas ou em segunda mão!

Oxalá que tão desejada obra vá por deante, não só para engrandecimento da nossa querida terra, como para podermos louvar a ilustre Comissão Administrativa a que distintamente preside o sr. Dr. João Rocha dos Santos.

Já é tempo e bem tempo dos sinos repicarem festivamente em sinal de regosijo por um melhoramento em Guimarães!

Para a frente é que é o caminho, Ex.^{ma} Câmara!

Quando a Comissão das Festas Gualterianas, realizadas este ano, iniciou os seus trabalhos, resolveu desde logo dar publicidade ás respectivas contas. Não pôde, porém, acabadas as mesmas, dar logo cumprimento a essa resolução, por virtude da grande morosidade havida na cobrança das importâncias subscritas, cobrança que ainda nem mesmo hoje está concluída, mas que a Comissão dá por finda para não protelar por mais tempo a publicidade das referidas contas.

Antes, porém, de o fazer, cumpre o dever de agradecer a todas as pessoas e entidades que prestaram o seu valioso concurso para a realização das Festas, quer auxiliando monetariamente a Comissão, quer prestando-lhe todas as atenções e facilidades.

A todas expressa o seu sincero e indelével reconhecimento.

PELA COMISSÃO,

O Presidente — João de Oliveira Bastos.

Receita e despêsa das Festas Gualterianas realizadas em Agosto de 1931

RECEITA

Saldo das Festa de 1927	118\$25
Subsídio da Ex. ^{ma} Câmara	11.000\$00
Subsídio da Ex. ^{ma} Câmara por intermédio da Associação Comercial e Industrial	1.000\$00
Subsídio da Associação Comercial e Industrial	2.000\$00
Subscrição na Cidade e Subúrbios	16.704\$50
Subscrição no Pevidem	2.075\$00
Subscrição em Ronfe	700\$00
Subscrição em Visela	200\$00
Subscrição no Porto e outras Terras	4.232\$50
Rendimento do abarracamento no C. da Feira	3.360\$00
Rendimento das entradas no Jardim Público	3.275\$00
Juros da conta de depósitos	16\$00

DESPESA

Ornatações e iluminações	18.500\$00
Fôgo	7.187\$70
Músicas	10.703\$00
Prémios para a Batalha de Flôres	1.216\$50
Prémios para a Feira Franca de S. Gualter	1.105\$00
Aluguer e montagem de corêtos	1.231\$30
Réclame	2.037\$05
Várias	1.701\$10
Expediente	126\$65
Percentagem na cobrança	231\$00
Saldo	641\$75
	44.681\$25
	44.681\$25

Saldo depositado na Casa Souza Júnior, Suc.^{ca} 641\$75

Guimarães, 18 de Dezembro de 1931

O Tesoureiro — Joaquim Laranjeiro dos Reis

NOTA:—A documentação referente á despêsa e receita, encontra-se patente na Praça de D. Afonso Henriques, n.º 2.